

De igual para igual: a Educação pelos Pares como estratégia educativa, transformadora e emancipatória

Between equals: Peer education as an educational, transformative and emancipatory strategy

¹ Cristiana Pereira de Carvalho cristianapc@hotmail.com

¹ Maria do Rosário Moura Pinheiro

¹ Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra - Portugal

Resumo

As progressivas evidências da eficácia da Educação pelos Pares como uma estratégia de educação e formação para a saúde têm reforçado o carácter participativo e o potencial transformador dessa abordagem. O objetivo central deste trabalho é discutir o papel da Educação pelos Pares como processo de influência educativa entre pessoas que partilham de características demográficas, sociais, culturais e vivenciais, e que se identificam e aceitam reciprocamente como pares educadores e educandos. Consequentemente, essas pessoas procuram e facilitam o processo de influência educativa, transformadora e emancipatória, capaz de alcançar ganhos significativos ao nível da saúde. Por meio da pesquisa bibliográfica se apresenta a perspectiva histórica e os modelos e teorias que fundamentam a estratégia de Educação pelos Pares, assim como se reflete sobre o conceito de par educador, suas exigências e atributos, ainda se considerando os desafios de educar pelos pares nos domínios da educação e promoção da Saúde. As contribuições associadas a essa estratégia de empoderamento para todas as pessoas envolvidas são, sobretudo, discutidas em função das oportunidades de capacitação científica e pedagógica dos pares educadores e dos reconhecidos benefícios pessoais, sociais e culturais produzidos pela sua participação social ativa.

Palavras-chave:

Educação pelos Pares. Educação para a saúde. Participação. Pares educadores.

Abstract

Progressive evidence of the effectiveness of peer education as a health education and training strategy has reinforced the participatory nature and transformative potential of this approach. The central objective of this work is to discuss the role of peer education as a process of educational influence among people who share demographic, social, cultural and living characteristics and who identify with each other and accept each other as peer educators and learners. Consequently, they seek and facilitate the process of educational, transformative and emancipatory influence that can achieve significant gains in health. The historical perspective and the models and theories that underlie the Peer Education strategy, as well as the concept of peer educators, their demands and attributes are presented through the bibliographical research. The challenges of peer education in the fields of education and health promotion are still considered. The contributions associated with this strategy of empowerment for all the people involved are mainly discussed in terms of the opportunities for scientific and pedagogical training of peer educators and of the recognized personal, social and cultural benefits of their active social participation.

Keywords:

Peer education. Health education. Participation. Peer educators.

Como você deve citar?

CARVALHO, Cristiana Pereira de; PINHEIRO, Maria do Rosário Moura. De igual para igual: a Educação pelos Pares como estratégia educativa, transformadora e emancipatória. **Cadernos UniFOA**, Volta Redonda, n. 38, p. 81-90, dez. 2018.

1 INTRODUÇÃO

As rápidas transformações trazidas pela globalização têm provocado diversas alterações epidemiológicas, sociais e comportamentais (em termos de estilos de vida), as quais têm representado sérios desafios para a saúde das populações e, conseqüentemente, exigido respostas urgentes, eficazes e sustentáveis (WHO, 2005; 2016). Face a esses desafios, a promoção e a educação para a saúde têm sido cada vez mais consideradas elementos indispensáveis para alcançar ganhos quanto à saúde individual e comunitária (WHO, 2005; 2016). Nesse contexto, a Educação para a Saúde, entendida como "um processo baseado em regras científicas, utilizando oportunidades educacionais programadas, de forma a capacitar os indivíduos para tomarem decisões fundamentais sobre assuntos relacionados com a saúde, agindo isoladamente ou em conjunto" (Resolução Europeia nº 89/c3/01 *apud* RODRIGUES, 2005, p. 47), deve constituir não só uma oportunidade para todos/as mas com todos/as. Envolver as pessoas que educam (ensinam e empoderam) e são educadas (ensinadas e empoderadas) nos processos de participação, empoderamento e promoção da literacia em saúde, é fundamental para que as pessoas possam aprender umas com as outras e se responsabilizarem pelos processos educativos e transformadores de que fazem parte.

É nesse sentido que a Educação pelos Pares tem sido considerada uma estratégia útil na área da promoção da saúde (DIAS, 2006), especificamente nas temáticas da saúde sexual e reprodutiva e dos comportamentos de risco relativos ao HIV/AIDS e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (RENFREW et al., 2002; MONEY et al., 2011; Y-PEER, 2011), da obesidade infantil, da violência, do tabagismo, do alcoolismo e do consumo de outras substâncias psicoativas (SVENSON et al., 2001; PINHEIRO, 2006; MONEY et al., 2011; UNODOC, 2004).

Considerada uma abordagem necessária, credível e bem-sucedida (IFRC, 2009; CIARI, 2010), a Educação pelos Pares apresenta-se como uma estratégia educativa de "vanguarda" (WEISZ; BLACK, 2010) e de grande exigência (PINHEIRO, 2006). Ao contrário dos erros cometidos no passado no que diz respeito à prevenção primária, cujas mensagens basearam-se no medo, terror e ameaça², a Educação pelos Pares é positiva, marcada com mensagens realistas e úteis (MONEY et al., 2011) que permitem que cada um se questione e desenvolva, e simultaneamente, desconstrua as suas crenças e descubra novas realidades favoráveis ao seu bem-estar físico, psicológico e social (PINHEIRO, 2006).

Neste trabalho, propomo-nos a discutir o papel da Educação pelos Pares como processo de influência educativa entre pessoas que partilham de características demográficas, sociais, culturais e vivenciais, e que, por isso, se identificam e aceitam reciprocamente como pares educadores e educandos. As contribuições associadas a essa estratégia de empoderamento para todas as pessoas envolvidas são, sobretudo, discutidas em função das oportunidades de capacitação científica e pedagógica dos pares educadores e dos reconhecidos benefícios pessoais, sociais e culturais produzidos pela sua participação social ativa.

2 DO CONCEITO DE "PAR" ("PEER") À EDUCAÇÃO PELOS PARES (PEER EDUCATION)

A compreensão da expansão da Educação pelos Pares no âmbito da Educação para a Saúde implica primeiramente em compreender o significado atribuído aos "Pares" ("Peer") e à "Educação pelos Pares" ("Peer Educacion"). De acordo com Svenson et al. (2001), "par" ("peer") é "aquele que se situa

2 Que não educam, não constroem identidades, não facilitam a aprendizagem, não motivam a mudança nem o abandono dos comportamentos de risco, mas aumentam a distância em relação ao problema (aos rastreiros, ao diagnóstico precoce, à aceitação da doença, ao tratamento, etc.), e ainda reforçam o preconceito e a discriminação.

ao mesmo nível do outro; aquele que pertence ao mesmo grupo social, especificamente com base na idade, escolaridade, ou posição social" (SVENSON et al., 2001, p. 14). Pode ser um amigo/a, colega ou alguém que partilhe as mesmas atividades ou contextos (PARKIN; MCKEGANEY, 2000; SVENSON et al., 2001; DIAS, 2006; IPPF, 2007; APF, 2008) e que "se auto-identifique como pertencendo ao mesmo grupo social, com base em características ou interesse em comum" (DIAS, 2006, p. 7).

A Educação pelos Pares é um processo pelo qual jovens bem formados/capacitados e motivados realizam intervenções educativas (PINHEIRO, 2006), concretizando atividades educacionais informais ou organizadas com os seus pares, durante um determinado período de tempo, visando desenvolver os seus conhecimentos, atitudes, crenças, comportamentos e competências (STAKIC et al., 2003; PINHEIRO, 2006; RENFREW et al., 2002) e contribuir para que os pares sejam responsáveis por proteger a sua própria saúde. A educação de pares pode ocorrer em pequenos grupos ou através de contato individual e numa variedade de ambientes (STAKIC et al., 2003) como em escolas, clubes, locais religiosos, locais de trabalho, na rua ou em um contexto de acolhimento, proteção e promoção ou em outro contexto no qual os jovens se encontrem.

Especificando um pouco mais, considera-se a partilha de características demográficas, sociais, culturais e vivenciais entre os pares (como, por exemplo, a idade, o nível de escolarização, a etnia, o gênero, as vivências culturais e as experiências de vida), uma das ideias-chave da Educação pelos Pares, pois essa partilha facilita a aproximação e a identificação recíproca entre pares educadores e educandos e, conseqüentemente, facilita o processo de influência educativa e transformadora (PINHEIRO, 2018). Alguns autores, em vez de se referirem ao poder da *partilha*, mencionam o poder das *afinidades* de *background* pessoal, social e cultural (THURNER; SHEPHERD, 1999), como sendo uma condição fundamental para alcançar públicos de difícil acesso ou *escondidos*³ e, em relação aos quais os processos de intervenção social não têm sido eficazes, uma vez que os próprios serviços técnicos de saúde e/ou de educação não são facilmente alcançáveis por essa população.

Por outro lado, importa referir que o *background* escolar tem sido utilizado como um indicador que distingue os projetos de Educação pelos Pares formais dos não formais (THURNER; SHEPHERD, 1999). Consideram-se formais os projetos ou programas em que o grupo de pares educadores e de pares educandos possuem *backgrounds* nitidamente diferentes, sendo os primeiros reconhecidos pelos segundos como figuras de autoridade. Estes são mais frequentes nos contextos educativos formais, em que estudantes de anos de escolaridade mais elevada educam os seus pares, que frequentam níveis de escolaridade mais baixa. Já nos projetos não formais de Educação pelos Pares, os *backgrounds* de pares educadores e educandos não se distinguem, sendo as inter-relações horizontais e não hierárquicas.

A proliferação de termos em torno da Educação pelos Pares foi acontecendo a partir, sobretudo, dos anos 90, passando a integrar expressões como *peer trainer*, *peer facilitator*, *peer counselor*, *peer tutor*, *peer leader*, *peer helper*, *peer supporter*, alargando-se assim o leque de possibilidade e potencialidades ao longo da vida. Particularmente durante a adolescência e jovem adultez, em virtude dos processos de desenvolvimento da identidade e intimidade (FERREIRA; MEDEIROS; PINHEIRO, 1997; FERREIRA; FERREIRA, 2000), os pares são elementos privilegiados na troca de informação, na partilha de emoções, dúvidas e preocupações próprias dessa etapa de desenvolvimento (IPPF, 2007; APF, 2008). Nesse sentido, a Educação pelos Pares ou "Peer Education" significa que aqueles que pertencem ao mesmo grupo ou possuem o mesmo estatuto social "se educam uns aos outros" (SVENSON et al., 2001, p. 14).

Considerando que os pares educadores são elementos que possuem a mesma idade ou fazem parte do mesmo grupo social do que os pares educandos (SCIACCA; BLACK, 1996; DIAS, 2006; IPPF,

3 Com vulnerabilidades sociais específicas, como é o caso das pessoas que vivem em contextos de rua ou de prostituição.

2007) e podem agir como modelos e líderes de opinião (IPPF, 2007; MARTINS, 2014), a Educação pelos Pares é uma estratégia educativa que permite estabelecer uma comunicação capaz de influenciar positivamente as atitudes, crenças e comportamentos do grupo-alvo, a fim de motivar para a mudança e adoção de comportamentos responsáveis e estilos de vida mais saudáveis entre os pares (IPPF, 2007).

3 PERSPECTIVA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO PELOS PARES COMO ESTRATÉGIA EDUCATIVA APLICADA À SAÚDE

A importância da Educação pelos Pares tem crescido desde o final dos anos 50, através de programas difundidos na Europa, Canadá, Estados Unidos, Austrália e Inglaterra (SVENSON et al., 2001; MARTINS, 2014; MONEY et al., 2011). Inicialmente surgiu como tutoria e/ou *sistema de monitores* com o intuito de ajudar os/as alunos/as mais novos em temas escolares. Posteriormente, passou a assumir a função de aconselhamento e ajuda pelos pares, com o objetivo de apoiar os jovens a lidar com problemas pessoais e sociais, como o uso de drogas e violência (SVENSON et al., 2001). Nos anos 80, a Educação pelos Pares era ainda encarada como uma situação de ensino e de partilha de informação, mas, a partir dos anos 90, devido à sua rápida expansão (em consequência da epidemia da AIDS) (SVENSON et al., 2001), passa a ser considerada um processo de comunicação e de aprendizagem capaz de ir além da informação (PINHEIRO, 2006). De acordo com Svenson et al. (2001, p. 15), os programas baseados na Educação pelos Pares "evoluíram do enfoque educacional, característico da tutoria pelos pares, para o trabalho dos factores emocionais e sociais que influenciam o comportamento". Nos últimos 30 anos, a Educação pelos Pares recorre a estratégias de sensibilização, de formação e de mudança de atitudes e de comportamentos, que valorizam a intencionalidade da partilha e influência positiva nas atitudes e nos comportamentos de saúde (PINHEIRO, 2006; SVENSON et al., 2001, RENFREW et al., 2002; STAKIC et al., 2003).

4 RAÍZES TEÓRICAS DA EDUCAÇÃO PELOS PARES

Os modelos e teorias do comportamento têm contribuído para a identificação dos fatores envolvidos na mudança comportamental, sugerindo a existência de uma conjugação complexa de condições individuais, sociais e ambientais (DIAS, 2006). A Educação pelos Pares, compreendida como uma estratégia de comunicação promotora da mudança e da adoção de comportamentos positivos ao nível da saúde (TURNER; SHEPHERD, 1999), tem recorrido a essas teorias e modelos para sustentar as iniciativas desenvolvidas nos seus projetos. De um conjunto abrangente de teorias destacam-se as mais referenciadas na literatura e as que mais contribuem para a fundamentação teórica dos projetos baseados na Educação pelos Pares.

Uma das teorias que contribui para a sustentabilidade da Educação pelos Pares é a Teoria da Aprendizagem Social de Bandura (1977; 1986), que considera que a aprendizagem ocorre através da observação do comportamento de pessoas significativas, em relação aos quais, os pares, pela semelhança e proximidade, podem funcionar como importantes modelos comportamentais e contribuir favoravelmente para a mudança comportamental (DIAS, 2006).

Na mesma linha de pensamento, a Teoria da Difusão da Inovação de Rogers (1995) sugere que as mudanças ao nível dos conhecimentos, das atitudes e dos comportamentos resultam da influência social e da atuação dos agentes de mudança comportamental (difusores de novas ideias). À semelhança da Aprendizagem Social (BANDURA, 1977; 1986), consideram que a influência das normas do grupo e da informação disseminada por elementos considerados líderes de opinião (isto é, sujeitos

considerados de confiança e nos quais o grupo e/ou comunidade acreditam) são fundamentais na mudança e adoção de novos comportamentos.

Também a Teoria do Comportamento Planejado (AJZEN, 1985) faz referência à influência da percepção das normas sociais e das crenças no comportamento dos indivíduos, ou seja, para essa teoria os comportamentos são determinados pela percepção do que os pares pensam, fazem e valorizam. Nesse sentido, considera-se a Educação pelos Pares uma abordagem motivacional para a mudança em função das expectativas criadas pelos educadores de pares.

Outro modelo de grande destaque na saúde e utilizado pela Educação pelos Pares é o Modelo das Crenças de Saúde de Rosenstock (1974). Nesse modelo, os principais focos para explicar e prever os comportamentos de saúde são as atitudes e crenças e os conceitos de susceptibilidade⁴, barreiras⁵ e benefícios percebidos⁶. Esse modelo reforça a importância dos educadores de pares na partilha e esclarecimento de informações, na desconstrução de crenças incorretas e na redução de barreiras percebidas.

Já o Modelo Transteórico ou Modelo de Fases de Mudança de Prochaska e DiClemente (1992) considera a existência de uma sequência de fases ou estádios para que a mudança comportamental ocorra, que vão desde “tomar consciência de uma necessidade até à tomada de decisão em mudar e de manter essa mudança durante um período de tempo” (IPPF, 2007, p.39-40). Esse modelo sugere que a mudança de comportamentos resulta de um processo e não de um acontecimento e, nesse sentido, a Educação pelos Pares poderá contribuir com intervenções diferenciadas e adequadas à fase de mudança em que os pares se encontram (DIAS, 2006).

5 ATRIBUIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DOS PARES EDUCADORES

Várias atribuições e características ideais dos pares educadores têm sido referidas ao longo dos anos pela literatura da especialidade, sendo a credibilidade a atribuição mais frequentemente destacada e associada à eficácia das intervenções. Desde o trabalho de referência de Shiner e Newburn (1996), que se defendem três atribuições: *credibilidade baseada na pessoa* (mais relacionada com características como a idade, o gênero, a etnia), de *credibilidade baseada na experiência* (como, por exemplo, serem jovens que sensibilizam para o uso do preservativo assumindo os riscos com que já se confrontaram no passado) e *credibilidade baseada na mensagem* (devendo os conteúdos informativos comunicados serem rigorosos e cientificamente fundamentados, e serem apresentados de forma inclusiva, sem julgamentos e sem discriminações).

Associado à credibilidade, surgem outras atribuições e características pessoais desejáveis nos educadores de pares, como, por exemplo, serem sujeitos que inspirem confiança e segurança para assim conseguirem exercer influência nos indivíduos (PARKIN; MCKEGANEY, 2000; SHINER, 1999; SHINER; NEWBURN, 1996). Ter uma boa base de conhecimentos sobre os serviços disponíveis e como obtê-los são também aspectos que contribuem para a credibilidade, confiança e segurança percebida pelos pares educandos em relação aos pares educadores (MONEY et al., 2011).

4 “A percepção que uma pessoa tem relativamente às hipóteses ou risco em contrair um problema de saúde. Questão-chave: *Quais são as hipóteses de eu ser infectado/a com o VIH/SIDA ou de contrair outras infeções sexualmente transmissíveis?*” (IPPF, 2007, p. 39).

5 “Esta é a percepção das dificuldades, nomeadamente, dos custos psicológicos ou tangíveis, de agir de determinada forma. Questão – chave: *O que dificultará usar protecção ou dizer “não”?*” (IPPF, 2007, p. 39).

6 “Esta é a percepção da pessoa face à probabilidade de obter um ganho ou benefício positivo através da acção ou comportamento por si desenvolvido. Questão – chave: *De que forma é que usar protecção me vai ajudar?*” (IPPF, 2007, p. 39).

Ainda no que diz respeito às características dos pares educadores, é igualmente importante que o conselheiro de pares seja visto como honesto, verdadeiro e altruísta (MONEY et al., 2011). Nesse aspecto, os conselheiros voluntários podem ter, sobre os profissionais remunerados, alguma vantagem. Aqueles podem estabelecer mais rapidamente e espontaneamente a confiança, uma vez que não são vistos como tendo motivações extrínsecas, como, por exemplo, os ganhos financeiros, mas sim como possuindo motivações intrínsecas para realizarem atividades educativas em saúde, como o altruísmo e a bondade.

Além dos elementos acima considerados essenciais para pares educadores eficazes, foram encontradas as seguintes "características-chave" para explicar a eficácia das intervenções de apoio e educação pelos pares, como sendo: (1) o suporte social, (2) o conhecimento experiencial, (3) a confiança, (4) a confidencialidade e (5) o acesso fácil. Relativamente ao suporte social de colegas/pares, inclui tanto o apoio emocional, como a partilha de informação, o aconselhamento, a assistência prática e de ajuda na compreensão ou interpretação de acontecimentos (MONEY et al., 2011), sendo fundamental em qualquer etapa da vida. Por outro lado, ter conhecimentos que derivam das experiências e origens semelhantes contribui fortemente para o sentido de coesão social, por meio de um processo de identificação social em que o *outro* é visto *como eu* (MONEY, 2011, p.12).

Nesse sentido, nos cenários de Educação pelos Pares é de esperar que os colegas/pares ganhem mais facilmente a confiança do grupo do que os/as professores/as, técnicos/as ou especialistas, devido às experiências comuns e semelhantes que poderão sugerir que os pares educadores "sabem do que estão falando".

Outra característica importante do par educador é a confidencialidade. Garantir a confidencialidade constitui um elemento de confiança na relação de apoio e educação entre pares. Se por alguma razão a pessoa que está no papel de apoiado ou educando entender que a informação fornecida sobre si pode ser revelada a terceiros sem a sua permissão, é de esperar que cesse a relação e a contribuição educativa dos pares educadores. Em relação à acessibilidade dos pares educadores, há que referir, primeiramente, a vantagem psicológica (por pensarem, experienciarem e expressarem de modo semelhante pensamentos, emoções e comportamentos). Ainda nesse aspecto, os pares educadores mantêm-se acessíveis, quer presencial quer a distância, integrando, por exemplo, os pares educandos nas suas redes sociais e facilitando contatos diretos, como o número de telefone e e-mail. Podem ainda atuar como condutos diretos para recursos de saúde, como serviços médicos, espirituais e psicológicos, aspectos vitais para garantir o acesso aos cuidados. Ter prestígio e carisma, "possuir uma rede social alargada, apresentar capacidade de gerar empatia, de comunicar e trabalhar em equipa, ser dinâmico, possuir um espírito inovador e de abertura à mudança e ter respeito pelos outros" são considerados atributos igualmente importantes (DIAS, 2006, p. 39).

6 CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO PELOS PARES PARA A PREVENÇÃO PRIMÁRIA

Em função da proximidade e credibilidade dos pares educadores aos seus pares, essa abordagem educativa tem sido largamente utilizada no âmbito da prevenção primária (na diminuição dos fatores de risco e no aumento dos fatores de proteção) tanto em projetos comunitários como em projetos escolares (PINHEIRO, 2006; MARTINS, 2014). As suas contribuições estão associadas ao fato da Educação pelos Pares ser uma estratégia de *empowerment* (capacitação e emancipação) tanto para os pares educadores⁷, como para os pares educandos (grupo-alvo) (SVENSON et al., 2001) em fun-

7 Devido ao aumento da capacidade de tomada de decisão consciente e informada, da realização de escolhas e de resolução de problemas.

ção dos benefícios pessoais, sociais e culturais produzidos pelas ações pedagógicas e comunitárias desenvolvidas pelos pares educadores.

Essa abordagem apresenta diversas potencialidades quanto à partilha de informações, valores e atitudes entre os/as jovens⁸, que, ao agirem como modelos e líderes de opinião⁹, podem encorajar os pares na mudança de comportamentos e na adoção de outros mais salutarés (SHINER; NEWBURN, 1996). Por outro lado, essa estratégia possibilita a adaptação das mensagens de prevenção às práticas locais (SVENSON et al., 2001), que, como já vimos, é particularmente útil para grupos de difícil alcance (MCDONALD et al., 2003). Para além das experiências de aprendizagem proporcionadas pelos grupos de pares educandos, parece igualmente importante disponibilizar suporte social – aqui entendido como *peer support* (TRAUTMANN, 1995) – sob a forma de empatia e aceitação, de modo a garantir a continuidade do contato entre o grupo de pares educadores e os educandos (PINHEIRO, 2006).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se nos anos 80 a Educação pelos Pares começou por ser encarada como uma simples oportunidade intencional de ensino e de partilha de informação entre pessoas semelhantes, mas que se distinguiam pelo fato de umas fazerem o papel de educandos e outras de educadores, nos anos 90 era já perspectivada como um processo diferenciado de comunicação e aprendizagem, que ia além da simples função informativa, para integrar as funções de sensibilização e formação, com grande impacto na mudança de atitudes e comportamentos.

Com as progressivas e frequentes evidências da eficácia da Educação pelos Pares, hoje olhamos para essa abordagem, como uma estratégia de educação e formação, que valoriza a intencionalidade e a participação educativa de todas as pessoas envolvidas, com potencial de influência positiva na construção de conhecimentos, na clarificação de atitudes, na mudança de comportamentos e no desenvolvimento de competências específicas (como, por exemplo, comportamentos de proteção, prevenção e promotores de saúde) e transversais (como as competências pessoais e sociais).

Além disso, os educadores de pares disponibilizam apoio que é mais facilmente aceito do que as instruções de um profissional técnico ou supervisor *que lhe diz o que fazer*. A participação em um programa de educação pelos pares também dá aos indivíduos a oportunidade de se cuidarem mutuamente, no sentido em que capacita cada interveniente a ser parte da solução de um problema, dificuldade ou necessidade, ajudando os outros no seu processo de educação, formação, transformação e emancipação. Nesse sentido, os educadores de pares são consistentemente reconhecidos como os primeiros e os que mais ganham em termos educativos (SANDERS et al., 2006), ao mesmo tempo que elevam o seu valor em ajudar os outros nos seus problemas, necessidades, aspirações, etc.

No âmbito da avaliação do padrão de participação de crianças e jovens em projetos educativos e, de acordo com o referencial de Hart (1992), os níveis mais elevados de participação, que geram mais empoderamento, são conseguidos quando os pares educadores se envolvem voluntariamente na iniciativa de educar, com o apoio de supervisores com os quais partilham as decisões e a gestão dos projetos (HART, 1992; MONEY., 2011; PINHEIRO, 2006, 2018; STAKIC et al., 2003; Y-PEER, 2011). Atualmente não existem dúvidas de que a capacitação científica acontece envolvendo “aqueles que, pertencendo a um mesmo grupo ou estatuto social, se educam mutuamente em relação a um assunto ou problema específico” (SVENSON et al., 2001, p. 7). Contudo, a capacitação dos pares educadores

8 Capacitados previamente para um trabalho pedagógico e educativo.

9 Ao serem bons modelos, contribuem para a modelagem do comportamento positivo.

ocorre também na vertente pedagógica (em complemento à vertente científica) sendo uma mais-valia para todos os que se voluntariam para educar os seus pares, uma vez que se capacitam em métodos e técnicas educativas, aprendem a planejar e a avaliar intervenções eficazes e a gerir as diversas dinâmicas individuais, grupais e comunitárias, que, num futuro próximo e num ambiente profissional, poderão vir a ser úteis e aplicadas a outros contextos e intervenções.

Nesse sentido, o conceito de empoderamento é central, uma vez que são os pares que educam e é com os pares que se aprende, ou seja, os participantes, ao desenvolverem conhecimentos, atitudes e competências com os colegas/pares (os considerados *como eu*), constroem as suas possibilidades cognitivas, afetivas e comportamentais de enfrentamento, definem até onde podem ir e o que podem fazer com o que aprenderam.

Por todos esses motivos, a Educação pelos Pares partilha de um ideal da Educação em geral, que consiste em *passar de educando a educador* (PINHEIRO, 2018). Esse é o principal objetivo dessa estratégia educativa, transformadora e emancipatória. Nesse sentido, o reconhecimento do potencial pessoal e social emancipatório dessa abordagem é, no nosso entendimento, a grande conquista da Educação pelos Pares no século XXI.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AJZEN, I. From intentions to actions: A theory of planned behavior. In KUHL, J.; BECKMANN, J. **Action control: From cognition to behavior**. Berlin: Springer-Verlag, 1985. p. 11-39.

APF. **Manual de educação inter-pares em direitos & saúde sexual e reprodutiva**. Lisboa: APF, 2008.

BANDURA, A. Self-efficacy: Towards a unifying theory of behavioral change. **Psychological Review**, v. 84, p. 191-215, 1977.

BANDURA, A. **Social foundations of thought and action: A social cognitive theory**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1986.

CIARI, B. **Peer Related Education Supporting Tools – “Guide on Peer Education”**. EU-LLP/PRESTO Project No. – 142301-LLP-1-IT-COMENIUS-CMP, 2010.

DIAS, S. **Educação pelos pares: Uma estratégia na promoção da saúde**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa/Instituto de Higiene e Medicina Tropical, 2006.

FERREIRA, J.; FERREIRA, A.. **Adolescência: Abordagens, Investigações e Contextos de Desenvolvimento**. Lisboa: Direcção Geral da Educação, 2000.

FERREIRA, J.A.; MEDEIROS, M.T.; PINHEIRO, M. R. A teoria de Chickering e o estudante do ensino superior. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 31, n.1, 2 e 3, p. 139-164, 1997.

HART, R. **Children's Participation: From Tokenism to Citizenship**. Innocenti Essays No. 4. New York: UNICEF, 1992.

IFRC. **Standards for HIV peer education programmes**. Geneva: International Federation of Red Cross and Red Crescent Societies (IFRC), 2009.

IPPF. **Included, Involved, Inspired – A Framework for Youth Peer Education Programmes**. London: IPPF, 2007.

MARTINS, C. **Educação pelos pares para a sustentabilidade sociocultural**: uma investigação centrada na prevenção do VIH/Sida em alunos/as do 8.º ano de escolaridade, Portugal. 2014. Tese (Doutoramento em Ciências da Educação) - Instituto de Educação da Universidade do Minho, Minho, 2014.

MCDONALD, J. et al. **Peer education**: from evidence to practice. An alcohol and other drugs premier. Adelaide: Snap Printing, 2003.

MONEY, N. et al., **Best Practices Identified for Peer Support Programs Defense Centers of Excellence**, EUA, 2011. Disponível em: <https://www.mentalhealthamerica.net/sites/default/files/Best_Practices_Identified_for_Peer_Support_Programs_Jan_2011.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2018.

PARKIN, S.; MCKEGANEY, N. The rise and rise of peer education approaches. **Drugs: Education, Prevention and Policy**, v.7, n.3, p. 293-310, 2000.

PINHEIRO, M. R. Educação pelos Pares: de educandos a educadores, uma estratégia atractiva mas muito exigente. **Revista Ser Solidário**, v. 34, p. 7-9, 2006.

PINHEIRO, M.R. **Educação pelos Pares**: Da Estratégia ao Programa Nacional. Comunicação apresentada nas IX Jornadas Nacionais de Educação pelos Pares: Promover a Saúde com Tod@s. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, 2018.

PROCHASKA, J. O.; DICLEMENTE, C. C. Stages of change in the modification of problem behaviors. **Progress in Behavior Modification**, v. 28, p. 183-218, 1992.

RENFREW, M., et al. **Guide to implementing TAP (Teens for AIDS Prevention)**: a peer education program to prevent HIV and STI. 2. ed. Washington: Advocates for Youth, 2002.

RODRIGUES, V. Educar para a Saúde: uma estratégia de promoção da saúde. **Sinais Vitais**, v.59, p. 47-51, 2005.

ROGERS, E. **Diffusion of Innovations**. New York: Free Press, 1995.

ROSENSTOCK, I. M. The health belief model and preventive health behavior. **Health Education Monographs**, v. 2, p. 354-386, 1974.

SANDERS, C. et al. Development of a peer education programme for advance end-of-life care planning. **Int J Palliat Nurs**. v. 12, n.5, p. 216-223, 2006.

SCIACCA, J.; BLACK, D. A critical review of peer education with young people with special reference to sexual health: are we throwing the baby out with the bath water. **The Peer Facilitator Quarterly**, v.14, p. 17-19, 1996.

SHINER, M. Defining peer education. **Journal of Adolescent**, v.22, p.555-566, 1999.

SHINER, M.; NEWBURN, T. **Young people, drugs and peer education**: an evaluation of the youth awareness programme (YAP). London: Home Office, 1996.

STAKIC, B. et al. Peer education within a frame of theories and models of behaviour change. **The European Magazine for Sexual and Reproductive Health**, v. 56, p.4-6, 2003.

SVENSON, G. et al. **Os jovens e a prevenção da SIDA. Guia Europeu de Educação pelos Pares**. Lisboa: PLINFO, CNLCSIDA, 2001.

TRAUTMANN, F. Peer Support as a method of risk reduction in injecting drug-user communities. **Journal of Drug Issues**, v.25, p.617-628, 1995.

TURNER, G.; SHEPHERD, J. A method in search of a theory: peer education and health promotion. **Health Education Research**, v. 14, n.2, p. 235-247, 1999.

UNODOC. **Relatório da Comissão: Avaliação intercalar do Programa Juventude 2000-2006** (abrangendo o período de 2000-2003). Bruxelas: Comissão das Comunidades Europeias, 2004.

WEISZ, A.; BLACK, B. Peer Education and Leadership in Dating Violence Prevention: Strengths and Challenges, **Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma**, v. 19, n.6, p. 641-660, 2010.

WHO. **The Bangkok charter for health promotion in a globalized world**. Sixth Global Conference on Health Promotion. Policy and partnership for action: addressing the determinants of health. Bangkok, Thailand, 7-11 August, 2005.

WHO. **Action plan for sexual and reproductive health: towards achieving the 2030 Agenda for Sustainable Development in Europe – leaving no one behind**. Copenhagen: Regional Committee For Europe 66th Session, 2016.

Y-PEER. **Youth Peer Education Toolkit: Training of Trainers Manual**. United Nations Population Fund, 2011.